

# Calibre 2.568

---

Maria Clara Machado de Souza Dias\*

## (María Teresa Panchillo)

Me disparan desde la moneda  
Con bala de calibre 2.568  
Me distarán por tierra  
Por papeles y lápiz,  
Letra por letra me dispara  
Porque soy poesía –madre  
Naciente  
En la resistencia  
Porque soy canción celeste del universo  
Porque mis hijos se levantan  
Enfurecidos y sonrientes  
En las comunidades  
Asumen la emigración  
En las ciudades  
Buscándome  
Dentro de las urbes nocturnas  
Confusas  
Entre ladridos de perros  
Sirenas  
Disparos  
Bombas lacrimógenas  
Porque soy mapuche –pueblo  
No me matarán por decretos



Ni con balas  
De calibre recién inventado.  
Podrán herirme  
Cercarme con estacas  
Y alambres púas  
Arrancarme de raíz  
Los árboles.  
Pero no entenderán  
Cuando suene  
El kullkull y la xuxuka  
Recuperaré la sangre  
De mis óvulos florecientes  
Seguiré procreando hijos indomables  
A defenderme.  
Porque soy padre-madre fuerza de la tierra  
No acallarán las voces de mis hijas maternas  
Proclamándome desde el vientre del tiempo  
Desde la prisión renaceré como fuego encendido  
Bajaré de los volcanes armada de canciones y palabras nuevas  
Porque en quinientos años  
Nunca han podido dispararme en la boca

## Tradução

### Calibre 2.568

(Maria Clara Machado de Souza Dias)

Disparam-me desde a moeda

Com bala de calibre 2.568

Irão me distanciar por terra

Por papéis e lápis,

Atinge-me letra por letra

Porque sou poesia –mãe

Nascente

Na resistência

Porque sou canção celeste do universo

Porque meus filhos se levantam

Enfurecidos e sorridentes

Nas comunidades

Assumem a emigração

Nas cidades

A minha procura

Dentro das cidades noturnas

Confusas

Entre latidos de cães

Sirenes

Tiros

Bombas de gás lacrimogêneo

Porque sou mapuche – povo

Não me matarão por decretos

Nem com balas

De calibre recém-inventado.

Podem me ferir

Cercar-me com estacas  
E arame farpado  
Arrancarem-me pela raiz  
As árvores.  
Mas não entenderão  
Quando soar  
O kullkull\* e a xuxuka\*  
Recuperarei o sangue  
Dos meus óvulos a florescer  
Seguirei procriando filhos indomáveis  
Para me defenderem.  
Porque sou a força pai-mãe da natureza  
Não calarão as vozes de minhas filhas maternais  
Proclamando-me do ventre do tempo  
Da prisão renascerei como fogo aceso  
Descerei dos vulcões armada de canções e palavras novas  
Porque em quinhentos anos  
Nunca foram capazes de atirar em minha boca.